

Procura por aula particular divide educadores

Coordenadores pedagógicos acham que tentativa de recuperação deve ocorrer na escola

LÍGIA FORMENTI

A proximidade do fim do ano letivo significa para muitas famílias menos dinheiro no bolso. É nessa época que grande número de pais recorre aos professores particulares para tentar impedir a reprovação escolar dos filhos. Apesar de críticas feitas por educadores, do alto preço — cada aula custa, em média, R\$ 30 — e das opções de reforço oferecidas por colégios, as aulas individuais continuam sendo procuradas.

Somente na Vesper Estudo Orientado o movimento de aulas particulares aumentou 35% no último mês. Agora, são 80 alunos. Maíce Costa Carvalho, há dez anos professora de matemática, lotou sua agenda no último mês. O Curso de Aperfeiçoamento em Linguagem (CAL) também recebeu no último bimestre um número maior de interessados em aulas particulares.

Segundo a coordenadora da Vesper, Nívea Gomes Basile, chegam à instituição estudantes com os mais variados perfis. “Há desde aqueles que estão praticamente reprovados até os que precisam apenas de uma pequena ajuda para conseguir passar.” Para o primeiro grupo, muitas vezes o atendimento é diferenciado. “Aconselhamos um trabalho mais prolongado, que não vise exclusivamente a aprovação”, diz.

O CAL também obedece alguns critérios para admitir o aluno. Nos casos em que as chances de recuperação imediata são muito difíceis, o curso recomenda um trabalho de acompanhamento diferenciado.

Punição — É difícil, no entanto, quem fique impassível a um processo de reprovação escolar do filho. Para a professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Maria Isabel Leme de Mattos, o medo dos pais não é sem motivo. “A repetência tem um caráter punitivo muito acentuado e geralmente vem acompanhada de uma série de perdas para o aluno”, comenta.

Além de ter a auto-estima abalada com a repetência, Maria Isabel explica que a criança normalmente afasta-se dos antigos colegas de turma. Há, ainda, risco de problemas de adaptação com a nova classe: “A criança pode ser estigmatizada tanto pelos novos colegas como pelo professor.” Mas, Maria Isabel lembra que esse esforço deve ser comedido. “Quando a deficiência é estrutural, fica muito difícil recuperar rapidamente o atraso”, diz.

Muitas vezes, porém, o problema pode ser resolvido com aulas dirigidas. O primeiro passo, na avaliação de Maria Isabel, é conversar com o professor para saber onde o aluno está apresentando dificuldade. Ela não descarta a possibilidade de, com esse diagnóstico, recorrer a um professor particular.

Para coordenadores pedagógicos ouvidos pelo Estado, porém, as tentativas de recuperação devem ocorrer ao longo do ano e exclusivamente na escola. Muitos acham que, quando a opção de aula particular é oferecida ao aluno, há o risco de ele relaxar em classe. “Eles não prestam atenção no colégio e depois vão querer recuperar tudo com aulas individuais”, diz o diretor de ensino do Colégio Rio Branco, Acelino Scalquette. Além do gasto desnecessário, há o risco de o processo repetir-se nos anos seguintes. “É a famosa muleta.”

Maria Isabel considera a aula particular benéfica em muitos casos. “Às vezes, o aluno apresenta uma dificuldade específica e não consegue superá-la sozinho.” Ela acredita que a atitude dos pais é fundamental para que os filhos não criem a falsa idéia de que aulas particulares são a tábua de salvação eterna. “Os pais deveriam mostrar que a aula é uma oportunidade a mais, mas vai provocar um gasto no orçamento.”